

Jazz é Cultura: O 1º Festival Internacional de Jazz de Cascais e o “caso” Charlie Haden

Pedro Cravinho

CEJ-UA/INET-MD

pedro.cravinho@ua.pt

Resumo

Em 1971, durante a governação de Marcelo Caetano, em plena guerra colonial, surge a iniciativa de Luís Villas-Boas, João Braga e Hugo Lourenço, da realização do primeiro festival de Jazz em Cascais.

A iniciativa concretizou-se a partir do contacto privilegiado de Luís Villas-Boas junto do organizador do “Newport Jazz Festival”, George Wein e deu início a um ambicioso e inovador projecto que deixaria marcas profundas no cenário sociopolítico da época em Portugal. Na sua primeira edição o Cascais Jazz teve como mensagem associada “JAZZ É CULTURA”, conforme se publicou no seu cartaz de apresentação. Os organizadores procuravam assim evitar potenciais conotações políticas e contestatárias que o sistema de censura do regime político pudesse interpor. O festival teve o apoio oficial da Secretaria de Estado de Informação e Turismo, organismo que tinha a tutela dos serviços de censura em Portugal.

Ironicamente a iniciativa acabou por proporcionar uma acção de relativo impacto nacional e internacional de contestação política do colonialismo português, motivada pela actuação do músico norte-americano Charlie Haden. Este contrabaixista durante a actuação do quarteto de Ornette Coleman resolveu dedicar o seu tema “Song for Che” aos movimentos de libertação das colónias.

Neste trabalho exploro as contradições entre a perspectiva de lazer e cultura dos organizadores e a acção política dos intervenientes e o logro involuntário que o regime político experimentou ao associar-se a este evento.

Palavras-chave: Estado Novo, Primavera Marcelista, Cascais Jazz, Charlie Haden

Abstract

In 1971, during the government of Marcelo Caetano, and the Portuguese colonial war going on, under the initiative of Luis Villas-Boas, João Braga and Hugo Lourenço, the first international jazz festival in Cascais took place. The festival has been possible since the privileged contact of Luis Villas-Boas with the organizer of the "Newport Jazz Festival", George Wein. It initiated an ambitious and innovative project that would leave deep scars in the socio-political scenario in Portugal at that period. In its first edition the Cascais Jazz

had as message associated "JAZZ IS CULTURE", like it was advertised in the promotional poster. The organizers sought thereby avoid potential political connotations and socially critical that the system of censorship of political regime would bring. The festival had the official support of Secretaria de Estado de Informação e Turismo, secretariat who commanded the services of censorship in Portugal.

Ironically, this initiative eventually provided an action on national and international impact of political resistance to Portuguese colonialism, motivated by the actions of the American musician Charlie Haden. This bass player during the performance of the Ornette Coleman quartet dedicated his composition "Song for Che" to the liberation movements of the Portuguese colonies in Africa.

In this paper I explore the contradictions between the perspective of recreation and culture of the organizers, the political action of the actors and the involuntary deception that the political system experienced at joining to this event.

Keywords: Estado Novo, Marcello Caetano, Cascais Jazz, Charlie Haden

Introdução

Em 2008 iniciei um trabalho de investigação na Universidade de Aveiro sobre a realização dos primeiros Festivais de Jazz em Portugal durante o regime de Marcelo Caetano (1968 – 1974). Aí pretendia reconhecer as circunstâncias que estiveram na origem da realização dos primeiros Festivais Internacionais de Jazz em Portugal e o seu enquadramento sociopolítico.

No seguimento do meu interesse pessoal pelo Jazz, como contrabaixista e como estudante de Musicologia, procurei identificar que circunstâncias estiveram na base da acção levada a cabo pelo contrabaixista, compositor e activista político, Charlie Haden, na primeira edição do Festival de Jazz de Cascais em 1971. Esta ficou, marcada pela sua detenção no dia seguinte à sua actuação no Pavilhão do Dramático¹ em Cascais, ao tentar embarcar no aeroporto de Lisboa, pela polícia política portuguesa da Direcção-Geral de Segurança (DGS).

A literatura sobre jazz abordou este episódio, nomeadamente em dois interessantes estudos de autoria do investigador e professor universitário João Moreira dos Santos, *O Jazz segundo Villas-Boas* (Santos 2007) e mais recentemente, *Jazz em Cascais: Uma história de 80 anos* (Santos 2009), mas a literatura académica nunca se debruçou sobre este momento singular da história do jazz e da sua relação com a luta política em Portugal. Interessou-me, por isso, aprofundar e sistematizar a pesquisa, recorrendo para

¹ Pavilhão Municipal de Cascais, que na década de 70 do século passado, foi ocupado pelo Grupo Dramático e Sportivo de Cascais, ficando também conhecido como Pavilhão do Dramático ou Pavilhão dos Desportos em Cascais, actualmente já demolido. Ver em http://www.cm-cascais.pt/Cascais/Noticias/2005/demolicao_pavilhao.htm

tal não só à literatura existente como alargando as fontes aos documentos da PIDE/DGS disponíveis no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, sobre o 1º Festival de Jazz em Cascais², assim como à discografia e literatura de e sobre Charlie Haden (Goodman 2006).

Como questões de partida procurei perceber as contradições entre a perspectiva de lazer e cultura dos organizadores do 1º Festival Internacional de Jazz de Cascais, Luís Villas-Boas, João Braga e Hugo Lourenço, uma vez que parece ser essa a sua postura como veremos adiante; a acção política dos intervenientes no Festival, no caso específico Charlie Haden, além do aspecto provocatório de Miles Davis³ e do comportamento do próprio público; e o logro involuntário que o regime político experimentou ao associar-se a este evento como patrocinador, através da Secretaria de Estado de Informação e Turismo.

A “primavera Marcelista”

A queda dada por António de Oliveira Salazar, ao sentar-se na cadeira de lona, ao princípio da manhã de 3 de Agosto de 1968, tal como relata Franco Nogueira (Azevedo apud Nogueira 1985:377), um sábado, no terraço do Forte de Santo António no Estoril, onde anualmente passava o período de férias de Verão, não matou de imediato o Presidente do Conselho – só viria a falecer cerca de dois anos mais tarde, a 27 de Julho de 1970 -, mas marcou o fim da sua governação. Devido ao seu estado de saúde teve de ser exonerado das suas funções logo a 26 de Setembro de 1968 e com a ascensão de Marcelo Caetano ao cargo de Presidente do Conselho, em 27 de Setembro de 1968, foram geradas grandes expectativas na política, na “liberalização” do regime. (Nogueira 1985)

Dois meses após ter tomado posse, Marcelo Caetano introduziu algumas alterações na legislação pelas quais o Chefe do Governo deixava de exercer influência directa nos Serviços de Censura. O Secretariado Nacional de Informação (SNI) foi extinto⁴, tendo passado o conjunto dos serviços de Censura para a tutela da Secretaria de Estado de Informação e Turismo (SEIT) então criada (ibid). Esta mesma SEIT juntamente com a Junta de Turismo da Costa do Sol e da Câmara Municipal de Cascais, três anos mais tarde, em 1971, seria uma das patrocinadoras oficiais do “1º Festival Internacional de

² Arquivo Nacional da Torre do Tombo - PIDE/DGS, Processo n.º 690 – CI (2), Pasta n.º 472, fls. 34, “FESTIVAL DE JAZZ EM CASCAIS”, 20/21 de Novembro de 1971 (doravante referido por ANTT:PIDE/DGS).

³ Segundo o relato de João Braga – Miles Davis também teve o seu episódio de protesto para com o regime político português, mas de uma forma diferente: perante a organização do festival exigiu o serviço de uma limusine, com motorista branco, fardado a rigor, com boné, luvas brancas e dragonas. (Santos, 2009:83)

⁴ Decreto-Lei n.º 48 686 in Diário do Governo, I Série, n.º 269, 15 de Novembro de 1968

Jazz de Cascais”, conforme se constata no cartaz oficial deste evento, onde se destaca ainda a seguinte frase “JAZZ É CULTURA”⁵.

Grandes foram as ilusões então criadas em diversos sectores da opinião pública relativamente à possibilidade de uma real abertura política do regime, “mas tal como aconteceu, regra geral ao longo da existência do Estado Novo, o discurso oficial era uma coisa muito diferente da realidade”. Na análise daquele período, o jornalista Cândido de Azevedo refere o seguinte:

O discurso de abertura política do regime, da primavera marcelista, servia para consumo político. Não servia como linha de rumo nem do Governo marcelista nem dos Serviços de Censura. A esse nível a realidade era outra. (Azevedo, 1999:458)

A realidade é que a sociedade portuguesa lentamente vinha experimentando novas influências culturais e de lazer que eram trazidas de outros países e mesmo dos territórios do ultramar. A divulgação para o grande público de novas realidades culturais, ficou a dever-se em parte ao programa televisivo «Zip-Zip»⁶, que, embora com uma duração não superior a 9 meses, respectivamente de Maio a Dezembro de 1969, teve um impacto significativo na sociedade portuguesa em finais dos anos sessenta. O historiador Eduardo Raposo faz o seguinte comentário sobre este programa televisivo, “Inserindo-se no contexto da abertura marcelista, e se bem que com todas as suas contradições, embora explorando o *fait-divers*, tratava temas da actualidade, aspectos humanos e novas fórmulas musicais” (Raposo, 2005:116). Já no ano 1971, mais propriamente em 7 e 8 de Agosto, um outro grande contributo para esta progressiva transformação da realidade cultural portuguesa foi a realização do Festival de Vilar de Mouros. Tendo como principal objectivo a inovação cultural e artística, a este evento, conforme foi noticiado na imprensa da época, associaram-se cerca de 30 mil pessoas, na sua maioria jovens, em dois dias de concertos ao ar livre, numa pequena aldeia do Alto Minho. A música jazz, também esteve presente neste evento tendo sido representada, por duas formações nacionais, o quarteto The Bridge, que também marcou presença no 1º Festival Internacional de Jazz de Cascais, uns meses mais tarde, e uma outra formação, o quarteto Contact. (Cordeiro 1971)

A região de Lisboa, historicamente cosmopolita, no início da década de 1970, para além de ter uma faixa de população disposta ao lazer e aos modelos de consumo das sociedades contemporâneas, oferecia também já um panorama de recreio e lazer que incluía novas modas, espaços de consumo e convívio e de práticas musicais internacionais. É neste contexto que a conjugação de esforços de Luís Villas-Boas, João

⁵ Anexo I

⁶ Este programa era apresentado por Carlos Cruz, Fialho Gouveia e Raul Solnado.

Braga e Hugo Lourenço, juntamente com o contacto privilegiado de longa data do organizador do «Newport Jazz Festival», George Wein, permitiram criar as condições para que fosse possível realizar o primeiro festival do género em Portugal no ano de 1971. Os apoios financeiros conseguidos para concretizar este evento eram próprios de quem tinha contactos privilegiados das elites financeiras nacionais. O papel de João Braga foi essencial para alavancar todo este projecto, conseguindo junto do seu futuro sogro, na época o presidente do Banco do Alentejo, um aval pessoal do presidente desta instituição bancária a um patrocínio de 1100 contos (Santos, 2009:77). A este apoio, outros se juntaram, privados e estatais, assegurando a viabilidade financeira que permitiu materializar este projecto. Esta situação, tal como a escolha do local, propriamente dito, foi referida por Luís Villas-Boas, numa entrevista publicada no *Jornal da Madeira*, em 1971, e citado num documento do Observatório das Actividades Culturais.

"Escolhemos Cascais porque é a zona, na área de Lisboa, onde é possível encontrar um recinto com maior lotação. Por outro lado, a realização deste festival, insere-se na linha da promoção do turismo de Inverno. Temos um subsídio da Secretaria de Estado de Informação e Turismo (80 contos) e da Junta de Turismo da Costa do Sol." (Gomes, 2005:38)

Esta iniciativa juntou no Pavilhão do Dramático em Cascais, durante duas noites consecutivas, 20 e 21 de Novembro de 1971, cerca de 10 mil espectadores, na sua maioria jovens. Tratava-se de um acontecimento singular, já que era um Festival que celebrava um tipo de música voltada para a liberdade criativa, no seio de um país governado por um regime totalitário onde a liberdade de expressão estava altamente cerceada.

A partir de testemunhos captados no local por repórteres da Rádio Televisão Portuguesa, é possível perceber o impacto, que este tipo de iniciativa teve na sociedade portuguesa, e de que forma foi assimilada pelos presentes. Das fontes consultadas, optei transcrever algumas destas entrevistas para uma melhor compreensão deste acontecimento. As personalidades entrevistadas, das quais efectuei a transcrição das entrevistas, foram a fadista Amália Rodrigues e o apresentador de televisão Carlos Cruz, assim como quatro elementos anónimos do público presente, escolhidos no momento pelo repórter. Nas fontes consultadas, não foi possível identificar o nome do repórter (R).

1ª Entrevista (2 excertos)

Entrevistado: Amália Rodrigues (AR), fadista.

1º Excerto

AR: “Não sei há qualquer coisa que de vez em quando que acontece e que me toca, mas de resto não sei nada, não entendo nada de jazz, e é para ver se entendo alguma coisa que eu vim ver.”

R: “É a primeira vez que vem ver um festival de jazz?”

AR: “Não é para aí a terceira vez na minha vida.”

2º Excerto

R: “Acreditou alguma vez que em Portugal pudessem estar 12 mil pessoas a ver um festival de jazz?”

AR: “Não, não quer dizer não acreditei, não pensei nunca nisso, mas não custava nada acreditar porquê? Nós somos tant..., ainda assim somos um milhão cá em Lisboa, 12 mil pessoas não é muito.”

2ª Entrevista (Excerto)

Entrevistado: Carlos Cruz (CC), Apresentador de televisão.

CC: “Um festival de jazz em Portugal ou este festival de jazz?”

R: “Este festival de Jazz?”

CC: “Eu partilho da opinião de que este festival é uma vitória da carolice, fundamentalmente e há que atribuir todo o aplauso ao Luís Villas-Boas, um dos homens do jazz no nosso país. Como manifestação cultural artística musical, acho que é importantíssimo para todas as pessoas que não se alheiam dessas manifestações do homem este festival e portanto eles estarem aqui presentes. Como manifestação do entusiasmo colectivo neste momento existente em Portugal, acho que não é significativo, mas acho que pode é contribuir para que o segundo festival já seja muito mais significativo, porque se há pessoas que esta noite estão aqui presentes ou amanhã à noite para assistirem a este festival, para ver o jazz como fosse um animal dentro de uma gaiola nos jardins zoológico estou convencido que pelo menos uma percentagem deste público se entusiasmará, compreenderá a carolice das pessoas que gostam de jazz e sairá daqui com mais curiosidade acerca do jazz, ora é a criação dessa nova percentagem de entusiastas pelo jazz que é necessário na verdade e que portanto o terceiro e o quarto festival já serão muito mais representativos sob o aspecto de colectivismo jazzístico em Portugal, digamos assim.”

R: “Ó Carlos parece ser esta a melhor forma de introduzir o jazz, em Portugal?”

CC: “É uma fórmula um bocado violenta, tem aspectos negativos e aspectos positivos, mas se há que escolher uma forma para introduzir o jazz em Portugal,

então que se escolha aquela que estiver mais à mão, e não há dúvida que esta esteve à mão do Luís Villas-Boas.

R: “Ó Carlos qual te parece ser agora a melhor forma de continuar o impacto produzido por este festival?”

CC: “É necessário que a nossa imprensa, que a nossa rádio, que os nossos clubes de jazz proliferem, que a nossa imprensa e a nossa rádio dêem apoio às gravações e aos artistas de jazz, que divulguem o que é o jazz, que expliquem às pessoas as bases teóricas, digamos assim, que possam de algum modo alertar as sensibilidades dessas pessoas para o entendimento do fenómeno do jazz que já ultrapassou o continente norte-americano, já entrou pela Europa, fora, entrará por todo o mundo, porque o jazz não é apenas música, tem implicações importantíssimas ao nível de uma sociedade, ao nível da manifestação do homem como integrado dentro dessa sociedade.

3ª Entrevista (Excerto)

Entrevistado: Um elemento do público não identificado, sexo masculino, idade cerca de 30 anos. (P1).

R: “O Sr. Conhece algum dos artistas que hoje actua”

P1: “Sim conheço praticamente todos.”

R: “A razão porque vem a este festival?”

P1: “Porque gosto imenso de jazz e porque é extraordinariamente difícil ter possibilidade de assistir a um festival onde estão nomes como o Miles Davis e o Ornette Coleman.”

4ª Entrevista (Excerto)

Entrevistado: Um elemento do público não identificado, sexo masculino, idade cerca de 20 anos. (P2).

R: “Já alguma vez assistiu ao Jazz ao vivo?”

P2: “Não é a primeira que assisto ao jazz ao vivo pá e vim aqui, creio que é isso que mais ou menos querem saber pá, embora haja no meu caso pessoal, haja um contrasenso por eu não tenho educação suficiente musical para compreender a música que vou ouvir pá, mas há o desejo de ouvir jazz até porque há determinados indivíduos que já ouvi bastantes vezes e julgo estar dentro do movimento do jazz pá, e estou aqui pá, porque quero mesmo participar nesse movimento.”

5ª Entrevista (Excerto)

Entrevistado: Um elemento do público não identificado, sexo masculino, idade cerca de 40 anos. (P3).

R: “Conhece algum destes artistas em particular?”

P3: “Só o Dave Milis”

R: “Como?”

P3: “Só este primeiro que vai actuar, o Dave Mil”

R: “Pronto, muito obrigado”

P3: “Nada, nada”

6ª Entrevista (Excerto)

Entrevistado: Um elemento do público não identificado, sexo feminino, idade cerca de 20 anos. (P4).

R: “Percebeu a música de Miles Davis?”

P4: “Pergun... (risos) é melhor.”

R: “Como?”

P4: “Percebi um bocado”

R: “Você gosta de jazz? Percebe de jazz?”

P4: “Gosto de jazz, mas não percebo muito.”

R: “Não percebe?”

P4: “Muito não.”

R: “Aplaudiu?”

P4: “Aplaudi”

R: “Porquê?”

P4: “Porquê? porque gostei”

R: “Acha que é uma música excitante?”

P4: “Acho que sim, acho que sim.”

R: “Acha que se consegue identificar nela? Identificar-se com ela? Senti-la?”

P4: “Acho que sim”

R: “Obrigado”

O Festival

A esta edição esteve associada, na minha perspectiva, uma simbologia de liberdade por contraste com a história da recepção do jazz em Portugal durante o século XX. Em primeiro lugar, devido ao significado representativo de um ideal contemporâneo, de determinados tipos de conduta e padrões comportamentais, que estavam associados a este tipo de eventos, por toda uma geração juvenil, essencialmente urbana, entusiasmada e em sintonia com os grandes festivais música, como o Woodstock ou o

Festival Isle of Wight, e cuja replica a nível nacional ainda estava muito presente, com a realização do já referido Vilar de Mouros, em Agosto de 1971.

Segundo porque a música Jazz, nessa época era ainda muito associada ao conceito pejorativo de “música dos negros”, representando a expressão de um grupo oprimido, e depois pelo facto de – no plano político internacional - Portugal manter colónias em África à custa da força e contra vontade dos seus povos autóctones. Esta questão foi levantada pelo etnomusicólogo Pedro Roxo, da seguinte forma: “A recepção do jazz em Portugal entre as décadas 20 e 70 do século passado espoletou e foi mediada por uma série de discursos sobre a natureza do “negro” e da condição racial negra.”⁷

No âmbito internacional, para UNESCO o ano de 1971, foi o Ano Internacional da Luta contra o Racismo e a Discriminação Racial, tendo sido também, o ano em que Portugal se retirou da UNESCO, visto que esta organização apoiava os movimentos de libertação das antigas colónias. E neste contexto, o litígio entre Portugal e a ONU sobre a descolonização começara há cerca de dez anos, mas esta não conseguira nenhum resultado significativo: o governo português mantinha-se inflexível e tinham falhado todas as tentativas de diálogo. A causa principal do fracasso da ONU foi resumida assim pelo politólogo Maurice Barbier:

“evidentemente que a política colonial de Lisboa é um desafio não só às Nações Unidas mas à evolução geral contemporânea. País económica e politicamente subdesenvolvido, Portugal agarra-se desesperadamente a um sonho do passado: conservar um império colonial solidamente amarrado à metrópole, preconizando uma política talvez bem-intencionada de assimilação e integração. Não vive à mesma hora que os outros países ocidentais e os novos países de África [...] por cada ano que passa reforça o seu domínio sobre as suas colónias. (Barbier apud Silva 1995:38)

Na noite de 20 de Novembro de 1971 iniciou-se o programa com a actuação do septeto de Miles Davis. Sabendo do enquadramento político-social de Portugal e da atmosfera em torno do 1º Festival Internacional de Jazz de Cascais, Miles Davis exigiu ser ele a abrir o Festival. Inicialmente estava previsto que a sua actuação fosse depois do Quarteto de Ornette Coleman, contudo ele recusou-se, forçando a organização a abrir o festival com a sua actuação. Após uma hora de intervalo para mudança de equipamentos deu início à sua actuação o quarteto de Ornette Coleman. Esta ficou para a história, quando o contrabaixista norte-americano Charlie Haden, numa atitude premeditada dedica o tema

⁷ Artigo apresentado no seminário de Investigação “Expressões Musicais Populares de Aquém e Além-Mar” realizado a 11 de Novembro, no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa.

«Song for Che» aos movimentos de libertação em Angola, Moçambique e Guiné-Bissau usando para o efeito o microfone destinado a amplificar o seu contrabaixo.

De acordo com o seu próprio testemunho (Goodmann, 2006), quando Charlie Haden leu a mensagem, centenas de pessoas nas bancadas levantaram-se e começaram a fazer um barulho ensurdecedor, tão intenso que praticamente, os próprios músicos não conseguiam ouvir mais nada.

A imprensa «oficial» ignorou por completo o incidente, pois a acção da censura na imprensa actuava de forma eficaz e implacável. De acordo com os documentos consultados nos arquivos da PIDE/DGS⁸, o dossier sobre o “FESTIVAL DE JAZZ EM CASCAIS” refere que este evento não deixou porém de ser noticiado nos órgãos clandestinos, como a Rádio Portugal Livre, na sua emissão de 25 de Novembro de 1971, conforme consta nos registos dos Serviços de Escuta, da Legião Portuguesa, e que refere o seguinte:

“GRANDE MANIFESTAÇÃO CONTRA A GUERRA COLONIAL NO FESTIVAL DE MUSICA EM CASCAIS”

“A polícia portuguesa prendeu o cantor americano Charles [...], que no festival de “Jazz”, que está a realizar-se em Cascais, apresentou uma canção dedicada aos patriotas de Angola, Guiné/Bissau e Moçambique. A canção de Charles [...] - informam as agências – foi acolhida com uma salva de palmas e grandes manifestações de apoio e entusiasmo pelas 5000 pessoas que assistiam no festival, numa acção que se transformou numa manifestação contra a guerra colonial.” (ANTT:PIDE/DGS)⁹

Assim tal como o jornal Portugal Democrático, publicado na cidade de S. Paulo no Brasil, entre 1956 a 1975, e tida como a “Única publicação da oposição ao Estado Novo – duradoura e editada em língua portuguesa – a não sofrer censura”. (Silva 2006:25) De acordo com o antropólogo Douglas Silva, este periódico, tinha como principal tarefa na época, “o desmascaramento internacional do salazarismo sem Salazar”, referindo-se ao governo de Marcelo Caetano, e sobre este acontecimento ocorrido durante o Festival de Jazz de Cascais, o jornal publicou a seguinte notícia:

No Festival de Jazz de Cascais um dos músicos americanos dedicou um número aos Movimentos de Libertação de Angola e Moçambique. Apesar de falar em inglês, as suas palavras foram traduzidas pelas pessoas que entenderam e a sala quase veio abaixo com os aplausos. No final do espectáculo, ao regressar ao seu camarim, era ali

⁸ Anexo II

⁹ ANTT: PIDE/DGS - Legião Portuguesa – Comando Geral – Quartel-general dos Serviços de Transmissão e Alerta Noticiários: Serviço de Escuta, Boletim Nº 1.686 Exemplar, Nº 09, Rádio Portugal Livre, Emissão de 25/11/1971 das 08.00 às 08.30, Página Nº 8, VII - Noticiário

aguardado por agentes da PIDE que o intimaram a deixar imediatamente o País. Foi forçado a seguir de Cascais para o aeroporto e embarcar no mesmo dia.

(ANTT:PIDE/DGS)¹⁰

Na verdade, esta descrição dos factos não corresponde exactamente ao que os documentos de arquivo permitem concluir, Charlie Haden, no dia seguinte quando estava no aeroporto de Lisboa pronto para embarcar, foi levado para a sede da DGS, na Rua António Maria Cardoso. No auto de declarações¹¹, o músico é referido como “membro do quarteto de Hornet Coleman” (sic) e a argumentação do interrogatório foi conduzida da seguinte forma, o músico foi “CONVIDADO A DECLARAR se foi bem recebido em Portugal e aqui achou ambiente favorável à sua visita, declarou afirmativamente” (ANTT:PIDE/DGS)¹², e “CONVIDADO A DECLARAR uma vez que foi bem recebido no nosso País, qual o motivo porque já durante a viagem no avião, abordou assuntos referentes aos movimentos africanos desfavoráveis a Portugal e durante a sua actuação em Cascais dedicou uma canção escrita por ele próprio intitulada “Song for CHE”, aos movimentos africanos de independência [...]” (ANTT:PIDE/DGS)¹³. De acordo com o auto de declarações, Haden mostrou-se “arrependido pelo acto que praticou por desconhecer que afectava o país onde o fazia” (ANTT:PIDE/DGS)¹⁴.

No dia 21, domingo, Haden foi depois levado sob escolta a casa do Adido Cultural da Embaixada do EUA, Sr. Gomez, e daí seguiu para o Aeroporto de Lisboa, onde embarcou no dia 22 de Novembro, às 09h00 num voo da TAP com destino a Londres¹⁵. Quanto a Villas-Boas e João Braga, foram confrontados, já nas instalações da DGS, com a decisão de cancelar o segundo dia do festival. Ao fim de várias horas de argumentação, os agentes da DGS exigiram finalmente 500 livre-trânsitos para autorizar o segundo dia do festival (Santos 2009:86).

Conclusão

Este episódio terminou desta forma sem consequências maiores para Charlie Haden, conforme o seu próprio testemunho. Provavelmente o facto de este ser cidadão norte-americano contribuiu para isso e o regime político português pretendeu assim evitar um conflito com os EUA, que era conivente relativamente a posição de Portugal com as suas ex-colónias e por vezes até seu apoiante. Nas diversas votações do conselho de

¹⁰ ANTT: PIDE/DGS – Portugal Democrático, n.º 166, Fevereiro de 1972.

¹¹ ANTT: PIDE/DGS – Direcção Geral de Segurança – Auto de Declarações de Charles Edward Haden (Anexo III)

¹² Ibid

¹³ Ibid

¹⁴ Ibid

¹⁵ ANTT: PIDE/DGS – Direcção Geral de Segurança – Relatório do Funcionário Superior de Serviço, no dia 21 de Novembro de 1971- Ocorrências (Resumo)

Segurança das Nações Unidas no período entre 1968 e 1971 e nas diversas resoluções apresentadas pela Comissão de Descolonização, os EUA mantiveram uma posição de neutralidade através das suas abstenções ou de voto contra as resoluções que iam contra o Estado Português.¹⁶

“Na prática, o governo português beneficiava de dois tipos de apoios. «Uns são abertos e poderosos: trata-se da África do Sul e da Rodésia do Sul, firmemente decididos em, manter a hegemonia branca na África austral e para quem os territórios portugueses são uma espécie de escudo protector. Os outros são discretos, mas não menos eficazes: trata-se pois dos grandes países ocidentais da NATO (EUA, Grã-Bretanha, RFA), os quais, embora reclamando a autodeterminação dos territórios portugueses, não fazem nada para dificultar a política colonial portuguesa»” (Silva, 2005:38-39)

A presença nos Açores era de uma grande importância na estratégia político-militar, em plena guerra fria e num período em que os EUA estavam em conflito no Vietname. A renovação do acordo das Lajes nos Açores foi efectuada no dia 3 de Dezembro de 1971, poucos dias depois deste incidente em Cascais. Ainda no mês de Dezembro, mais propriamente no dia 13, houve um encontro entre os Presidentes, Nixon dos EUA e George Pompidou da França, em Angra do Heroísmo, nos Açores, cimeira que teve como anfitrião Marcelo Caetano.¹⁷

De acordo com as minhas pesquisas, este próprio acontecimento é denunciado na mesma edição da Rádio Portugal Livre, que relata o acontecimento no Pavilhão dos Desportos em Cascais, surgindo com o seguinte título “UM NOVO INSULTO DO IMPERIALISMO AMERICANO À SOBERANIA PORTUGUESA.”¹⁸

Provavelmente se Haden, no papel de activista político, fosse de outra nacionalidade ou mesmo português, teria tido outro tratamento por parte da polícia política, visto que a sua contestação tinha sido premeditada.

De acordo com o seu próprio testemunho (Goodman, 2009), quando soube que tinha que tocar em Portugal, de imediato transmitiu a sua vontade a Ornette Coleman de não

¹⁶ Sobre as resoluções aprovadas pela Assembleia Geral da Nações Unidas entre 1968 – 1971, v. A.E. Duarte Silva, “4. *Moderação e Impotência da ONU: 1968- 1971*” in *O litígio entre Portugal e a ONU (1960-1974)*, pp. 33-39

¹⁷Boas-vindas nos Açores: discurso proferido pelo Presidente do Conselho, no banquete oferecido em honra do Presidente dos Estados Unidos da América, Richard Nixon, e do Presidente da República Francesa, Georges Pompidou. Angra do Heroísmo, Arquipélago dos Açores, 13 de Dezembro de 1971 / Marcelo Caetano. Lisboa: Secretaria de Estado da Informação e Turismo, 1971.

¹⁸ ANTT: PIDE/DGS - Legião Portuguesa – Comando Geral – Quartel-general dos Serviços de Transmissão e Alerta Noticiários: Serviço de Escuta, Boletim Nº 1.686 Exemplar, Nº 09, Rádio Portugal Livre, Emissão de 25/11/1971 das 08.00 às 08.30, Página Nº 2, I – UM NOVO INSULTO DO IMPERIALISMO À SOBERANIA PORTUGUESA (Anexo II)

querer tocar num país com um regime fascista que mantinha oprimidos vários povos das suas colónias africanas. Contudo, não tendo possibilidade de escolha, e tendo que tocar em Portugal, manifestou a Ornette Colemann a vontade de demonstrar a seu desagrado em relação à política de Marcelo Caetano. A sua intenção foi partilhada inclusive com jornalistas que faziam a cobertura da digressão do Festival de Jazz de Newport em Varsóvia, tendo consciência plena de eventuais consequências poderiam advir de acto de contestação.

A forma de o fazer, foi a escolha da canção “Song for Che” de sua autoria, que dedicou aos movimentos de libertação das colónias portuguesas, esta também portadora de uma carga conotativa de luta contra a opressão relacionada com a figura lendária do guerrilheiro Che Guevara.

O silêncio que o regime fez sobre este episódio é bem revelador da importância que ele teve. Este mesmo regime, também silenciosamente, fez o festival sofrer consequências nomeadamente a perda do apoio da Secretaria de Estado de Informação e Turismo nas suas edições subsequentes, até 1974.

Involuntariamente o festival parece ter adquirido um estatuto de “subversão” política muito embora os objectivos dos seus organizadores estivessem profundamente ligados ao lazer, à mudança de mentalidades e a uma nova ideia de cultura.

Nesta perspectiva entendo que este trabalho é um contributo para a divulgação do primeiro Festival Internacional de Jazz de Cascais, realizado antes de Abril de 1974, associado à acção política que foi levada a cabo por um dos seus intervenientes.

Este festival contribuiu para introduzir em Portugal uma nova mentalidade que encarava o jazz já não como “música dos negros”, mas como “cultura” portadora de uma mensagem própria de liberdade. Tal como o apresentador do programa televisivo Zip-Zip, Carlos Cruz refere numa entrevista que lhe foi feita no local, momentos antes de iniciar o Festival “Jazz não é só música...”¹⁹.

¹⁹ Ver em <http://www.youtube.com/watch?v=xKhFFupk05s>



(FESTIVAL DE NEWPORT NA EUROPA)

1º Festival internacional de jazz de Cascais

MILES DAVIS · SEPTET

ORNETTE COLEMAN · QUARTET

GIANTS OF JAZZ:

DIZZY GILLESPIE

THELONIOUS MONK

ART BLAKEY

SONNY STITT

KAI WINDING

AL MCKIBBON

PHIL WOODS & HIS EUROPEAN RHYTHM MACHINE

PHIL WOODS · GORDON BECK · RON MATHEWSON · DANIEL HUMAIR

DEXTER GORDON · JOE TURNER "CANTOR DE BLUES"

QUARTETO "THE BRIDGE"

PAVILHÃO DOS DESPORTOS DE CASCAIS · 20/21 DE NOVEMBRO 21,30 HORAS

patrocínio da secretaria de estado da informação e turismo e da junta de turismo da costa do sul
colaboração da câmara municipal de cascais

"JAZZ É CULTURA"



CONFIDENCIAL

BOLETIM Nº.1.686

EXEMPLAR Nº. 09



SERVIÇO DE ESCUTA

R.P.L.
- Festival de Jazz
690-9(2)
472 9(2)

RÁDIO PORTUGAL LIVRE

- Emissão de 25/11/71 das 08.00 às 08.30 -

(Igual às emissões das 00.20/00.50 de hoje e 20.00/21.00 de ontem).

SUMÁRIO DESTA EMISSÃO:



- I - UM NOVO INSULTO DO IMPERIALISMO AMERICANO À SOBERANIA PORTUGUESA;
(Reproduzido) - 1,30 minutos
- II - UM ARTIGO DE OCTÁVIO PATO NO JORNAL "PRAVDA";
(Refere as greves, acções da ARA e outros acontecimentos havidos durante o ano e já referidos nos n/boletins. Sem interesse especial) - 7,25 minutos
- III - A SITUAÇÃO NOS HOSPITAIS;
(Reproduzido) - 1,30 minutos
- IV - AVANTE TRABALHADORES DA INDUSTRIA TEXTIL DOS LANIFICIOS;
(Refere-se ao manifesto de "O Textil" já reproduzido) 2,10 minutos
- V - ANO DE MISÉRIA PARA OS PEQUENOS PRODUTORES DE VINHO;
(Reproduzido) - 2,25 minutos
- VI - OS IMPERIALISTAS NORTE AMERICANOS DESMENTEM, MAS OS NÚMEROS CONFIRMAM;
(Reproduzido) - 3,50 minutos
- VII - NOTICIÁRIO;
(Reproduzido em parte) - 3 minutos
- FORA DO SUMÁRIO
NOTA SOBRE OS PROFESSORES DO ENSINO SECUNDÁRIO;
(Reproduzido) - 1 minuto

/HI.

CONFIDENCIAL

CONFIDENCIAL

BOLETIM Nº.1.686

EXEMPLAR Nº. 03

PAGINA Nº.2

I - UM NOVO INSULTO DO IMPERIALISMO AMERICANO À SOBERANIA PORTUGUESA.

Foi hoje anunciado que o Presidente Nixon convidou o Presidente da França, Pompidou, para um encontro, para discussão de vários problemas da situação internacional. O encontro deverá ser realizado em meados de Dezembro.

Mas qual é o local que o Presidente Nixon escolheu para o seu encontro com Pompidou? Segundo acaba de ser anunciado, o local designado para o encontro serão os Açores.

Agindo como dono e senhor desta parcela do território português, que o Governo fascista, de facto, vendeu aos americanos, Nixon dá assim publicamente, perante a opinião pública mundial, a prova provada de que considera o território português dos Açores como parte integrante do território americano. Por isso, considerando os Açores como território seu, se atribuiu os plenos poderes para aí receber o seu comparsa Pompidou, com o qual, na verdade, tem condomínio nos Açores após a instalação da base francesa na Ilha das Flores.

Perante tal insulto para a Nação Portuguesa, denunciemos a vergonhosa posição de traição do Governo fascista de Marcello Caetano, cuja política antinacional e antipopular se exhibe cada vez mais descaradamente, e apelamos para que, desde já, se manifeste, por todas as formas possíveis, o protesto do povo português contra o novo atentado que Nixon e os imperialistas americanos, com a cumplicidade dos seus lacaios fascistas, se preparam para cometer contra a soberania nacional.

T

III - A SITUAÇÃO NOS HOSPITAIS

T O R R E
T O M B O

Desde há vários dias que a imprensa fascista, designadamente o jornal "Epoca", nascido da fusão do "Diário da Ma-

/HI.

CONFIDENCIAL

CONFIDENCIAL

BOLETIM Nº. 1.686

EXEMPLAR Nº. 09

PAGINA Nº. 8

9

VII- NOTICIARIO.

GRANDE MANIFESTAÇÃO CONTRA A GUERRA COLONIAL NO FESTIVAL DE MUSICA EM CASCAIS.

A policia portuguesa prendeu o cantor americano Charles, que no festival de "Jazz", que está a realizar-se em Cascais, apresentou uma canção dedicada aos patriotas de Angola, Guiné/Bissau e Moçambique.

A canção de Charles.... - informam as agências - foi acolhida com uma salva de palmas e grandes manifestações de apoio e entusiasmo pelas 5.000 pessoas que assistiam no festival, numa acção que se transformou numa manifestação contra a guerra colonial.

T

TORRE
TOMBO

---/---

(SEGUE)

/IA.

CONFIDENCIAL



DIRECÇÃO-GERAL
DE
SEGURANÇA

S.  R.



TORRE
DO
TOMBO

Manoel
C. H.
[Signature]

-AUTO DE DECLARAÇÕES-

Aos vinte e um dias do mes de Novembro do ano de mil novecentos e setenta e um, nesta cidade de Lisboa e Sede da Direcção-Geral de Segurança, onde se encontra o Excelentíssimo Inspector-Adjunto, Senhor Carlos Lopez Velloso, estando presente Manuel Garcia da Costa Junior, servindo de intérprete, comigo João Evangelista Gomes, ambos agentes da mesma Direcção-Geral, aqui compareceu o cidadão americano de nome **CHARLES EDWARD HADEN**, casado, musico profissional, nascido em seis de Agosto do ano de mil novecentos e trinta e sete, natural de Iowa, Estados Unidos da América, filho de Carl Haden e de Virginia Haden, residente em Nova Iorque e portador do passaporte número, letra B traço um milhão seiscentos e quinze mil setecentos e noventa e seis, emitido em tres de Julho do ano de mil novecentos e setenta e um na cidade de Nova Iorque. - - - - -

A MATERIA DOS AUTOS E CONVIDADO A DECLARAR se faz parte do quarteto **HORNET COLEMAN** e qual a sua posição dentro do mesmo, declarou: -Que, efectivamente faz parte do referido quarteto, tocando o instrumento de contrabaixo. - - - - -

CONVIDADO A DECLARAR se foi bem recebido em Portugal e aqui achou ambiente favorável à sua visita, declarou afirmativamente. - - - - -

CONVIDADO A DECLARAR uma vez que foi bem recebido no nosso País, qual o motivo porque já durante a viagem no avião, abordou assuntos referentes aos **movimentos africanos** desfavoráveis a Portugal e durante a sua actuação em Cascais dedicou uma canção escrita por ele próprio intitulada "**canção para o CHE**", aos movimentos africanos de independência, declarou: - Que durante a viagem apenas conversou com os colegas do conjunto falando

sobre gravações suas, entre elas, uma sobre a guerra civil de Espanha, não abordou assuntos referentes aos movimentos de libertação nos nossos territórios do Ultramar. Que, durante a actuação do conjunto em Cascais ontem à noite, fez realmente uma dedicação da sua canção para o "CHE" aos movimentos de libertação em toda a África e nos Estados Unidos, porque o faz sempre que o conjunto actua em qualquer país. Que, antes de começar o festival, os organizadores do mesmo fizeram publicidade das canções e das músicas, razão pela qual a juventude presente já tinha conhecimento que se ia tocar a referida canção e aplaudiu espontaneamente logo que o conjunto começou a tocá-la. Que justifica o ter tocado a "canção para o CHE", porque o tem vindo a fazer em todos os países onde têm actuado, nomeadamente na Inglaterra, França e no Japão, onde já foi várias vezes premiada. Mas que se soubesse que isto lhe ia causar transtornos no seu regresso não teria executado a dita canção nem feito a dedicação, mostrando-se arrependido pelo acto que praticou por desconhecer que afectava o país onde o fazia. - - - - -

CONVIDADO A DECLARAR se deu alguma entrevista a jornais portugueses, ou se contactou com alguém da imprensa diária, declarou: -Que durante a sua estadia em Portugal não contactou com ninguém da imprensa nem deu quaisquer entrevistas, tendo apenas mantido contactos com os organizadores do festival de jazz que são, entre outros, um tal **FRANK** e o **VILLAS-BOAS**. - Que os receberam muito bem convidando-os até a tomarem algumas refeições juntos e pagando por elas. Que, hoje ao chegar ao aeroporto teve conhecimento por intermédio duma tal **SIMONE GINEBRE** de nacionalidade francesa agente artística e organizadora destes festivais em colaboração

Referências bibliográficas

Azevedo, Cândido de (1997) *Mutiladas e Proibidas Para a história da censura literária em Portugal nos tempos do Estado Novo*, Lisboa: Editorial Caminho

Azevedo, Cândido de (1999) *A censura de Salazar e Marcelo Caetano Imprensa, Teatro, Cinema, Televisão, radiodifusão*, Livro, Lisboa: Editorial Caminho

Cordeiro, Jorge "Vilar de Mouros a música como ponto de reunião" in *Mundo da Canção*, Ano II, n.º 21, Agosto de 1971, pp. 6-14.

Gomes, Rui Telmo e Lourenço, Vanda (2005), *O Festival Estoril Jazz. Construção de uma imagem de marca*, Documentos de trabalho nº 4, Lisboa: Observatório das Actividades Culturais

Goodman, Amy (2006) "Jazz Legend Charlie Haden on His Life, His Music and His Politics", Disponível em:

http://www.democracynow.org/2006/9/1/jazz_legend_charlie_haden_on_his

(data da consulta: 01/06/2009)

Martins, Hélder Bruno de Jesus Redes (2006) *O Jazz em Portugal (1920-1956) Anúncio – Emergência – Afirmação*, Coimbra: Edições Almedina, SA

Nogueira, Franco (1985) *Salazar*, Lisboa: Civilização Editora

Raposo, Eduardo (2005) *Canto de Intervenção 1960-1974*, Lisboa: Público

Roxo, Pedro (2009) "A recepção do jazz no Portugal Colonial e a produção de discursos sobre a alteridade negra: alguns estudos de caso" in *Programa de Expressões Musicais Populares de Aquém e Além-Mar*, Lisboa: Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa

Santos, João Moreira (2005) *Duarte Mendonça: 30 Anos de Jazz em Portugal*, Lisboa: Editorial Presença

Santos, João Moreira (2007) *O Jazz segundo Villas-Boas*, Lisboa: Assírio & Alvim

Santos, João Moreira (2009) *Jazz em Cascais: Uma história de 80 anos*, Lisboa: Sasseti.

Silva, A.E. Duarte (1995) "O litígio entre Portugal e a ONU (1960-1974) in *Análise Social*, vol. xxx (n.º 130), 1995-1º, pp. 5-50

Silva, Douglas Mansur da (2006) *A oposição ao Estado Novo no exílio brasileiro, 1954-1974*, Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais

Documentos de arquivo e legislação

PIDE/DGS Serviços Centrais (1971) Procº nº 690-CI (2), Pasta nº 42, "FESTIVAL DE JAZZ EM CASCAIS" 21 e 22 de Novembro de 1971. Torre do Tombo. Lisboa

Decreto-Lei n.º 48 686, Diário do Governo (15/11/1968)

Decreto-Lei n.º 49 401, Diário do Governo (24/11/1969)